

O mecanismo democrático

Raul Pilla

(Para os Diários Associados)

16.8.1945

Merece a mais atenta consideração dos ilustres dirigentes da União Democrática Nacional o editorial publicado pelo "Diário de Notícias" acerca da "solução parlamentar". Merece-a não só pela grande autoridade do órgão democrático que o publicou, como pelo alcance da sugestão nele apresentada.

Não mais é possível desconhecer o problema, o complexo problema que é a realização da democracia em nosso País. E muito menos o pode desconhecer um grande partido, que não somente se diz democrático, mas também tem combatido valentemente pela democracia, ao lado do Partido Republicano e outras organizações menores, sob a alta inspiração de Eduardo Gomes.

Várias são as condições necessárias à existência do regime democrático. Uma delas, e fundamental, é o mecanismo graças ao qual ele se haja de exercitar. A democracia pode encarar-se por vários aspectos, mas ninguém poderá negar que ela seja essencialmente um mecanismo. Não basta, portanto, aludir vagamente ao ideal democrático. Por mais interessante que o sintamos, mister se faz, para que se ele concretize, um sistema de meios, graças ao qual os sentimentos os desejos e os interesses da população influenciem realmente o governo. A democracia é uma técnica.

Ora, mais infeliz não poderia ter sido o mecanismo adotado em 1891 pelo constituintes republicanos. Se a árvore se julga pelos frutos, aí estão os frutos de meio século de experiência política a condenar o presidencialismo. É um julgamento empírico, que está ao alcance de qualquer pessoa. Trata-se de uma questão de fato. Basta abrir os olhos, para enxergá-los. Para os que não se contentam com a observação e a experiência, existem ainda as considerações doutrinárias. Pode afirmar-se sem receio que o presidencialismo não é um mecanismo destinado a realizar plenamente os princípios democráticos, e representa, antes, um compromisso entre a democracia e autocracia.

Posta a questão nestes termos, que são precisos e insofismáveis, como admitir que um grande partido democrático, ao qual a causa democrática deve tantos e assinalados serviços, persista em desconhecer-la, ou, em vez de a atacar de frente, se retraia, como que tomado de um temor supersticioso, ante o dogma, o tabú presidencialista?

Quem quer sinceramente os fins, ha de querer também os meios aptos e conformes a esses fins. Esta é a questão que se apresenta à União Democrática Nacional e a todos os partidos verdadeiramente democráticos.